**ESTOMATERAPIA NO CUIDADO A PACIENTES COM REAÇÕES HANSÊNICAS EM UM HOSPITAL DE DOENÇAS INFECTOCONTAGIOSAS**

Antonia Mayara Torres Costa¹, Jéssica Karen de Oliveira Maia², Antônio Jose Lima de Araújo Junior³, Erick de Albuquerque e Azevedo4, Silveria Lopes Ponte Prado5.

Instituições: 1- Enfermeira. Residente em Infectologia pela Escola de Saúde Pública do Ceará. Fortaleza. Ceará. Brasil. Apresentadora. 2- Enfermeira. Nefrologista pela Universidade Estadual do Ceará. Residente em Infectologia pela Escola de Saúde Pública do Ceará. Fortaleza. Ceará. Brasil. 3- Enfermeiro. Pos-graduado em Terapia intensiva pelo Centro Universitário Unichristus. Residente em Infectologia pela Escola de Saúde Pública do Ceará. Fortaleza. Ceará. Brasil. 4- Enfermeira. Especialista em Estomaterapia pela UECE. Fortaleza. Ceará. Brasil. 5 Enfermeira. Mestre em Tecnologia e Inovação em Enfermagem pela UNIFOR, Especialista em Estomaterapia pela UECE. Fortaleza. Ceará. Brasil.

A estomaterapia é uma especialidade privativa do enfermeiro, vigente no Brasil desde 1990, possui como perspectiva o cuidado de pessoas com estomias, cuidado direto no tratamento de feridas, reabilitação e, além disso, prevenção de lesões. Uma das principais complicações atendidas no hospital referência em infectologia são as lesões de reações hansênicas, que caracterizam-se por fenômeno de hipersensibilidade aguda diante dos antígenos do *Mycobacterium leprae*, sendo classificadas de acordo com Jopling: reação hansênica tipo I ou reversa (RR), quando está envolvida a imunidade celular, e a reação hansênica tipo II com os tipos eritema nodoso hansênico (ENH), esta última mais presente nos pacientes com diagnóstico de hanseníase atendidos pelo serviço de estomaterapia supracitado, em especial o eritema nodoso necrotizante. A reação hansênica, além de tratar-se como doença basal historicamente negligenciada, ainda não possui marcadores conhecidos que auxiliem a prognosticar as reações, impossibilitando a identificação precoce da hipersensibilidade. No ano de 2018 o serviço recebeu 24 pacientes (7%) com lesões hansênica. Diante disso, objetivou-se relatar a experiência da estomaterapia frente ao cuidado de pacientes com reações hansênica. Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência que advém da vivência de profissionais residentes e do serviço de estomaterapia, compreendendo o ano de 2018 utilizando-se de observação e discussão com os profissionais responsáveis pelo serviço. As reações hansênicas se apresentam com bastante frequência em um hospital de doenças infectocontagiosas, havendo casos em que pacientes manifestam lesões em mais de 60% da superfície total do corpo, evidenciando destruição muscular e exposição tendínea e óssea. Em todos os casos foram utilizados materiais disponibilizados no Sistema Único de Saúde; e todos os procedimentos foram realizados por profissionais enfermeiros residentes em infectologia e enfermeiras estomaterapeutas. Ao primeiro momento foram realizadas as avaliações de cada lesão e proposto o plano de cuidado para cada paciente. Em seguida, realizaram técnicas de limpeza, desbridamento de tecidos necróticos nos casos necessários, com a aplicação das coberturas disponíveis: Alginato de Cálcio, indicado para feridas exudativas, com sangramento, limpas ou infectadas, agudas ou crônicas, superficiais ou profundas, com troca a cada 2 dias. Houve casos em que houve a necessidade de controlar edema, portanto foi utilizado a Bota de ulna, de avaliação diária. Conclui-se que o cuidado realizado, propiciou a cicatrização completa das lesões em 100% dos pacientes acompanhados no período. Ressalta-se que além do tratamento satisfatório das lesões de uma doença milenar, a reinserção social apresenta-se como uma contribuição maior ao possibilitar aos pacientes o retorno às atividades laborativas e de lazer.

**Palavras-chave** Infectologia; Doenças negligenciadas; Doenças Transmissíveis, Ferimentos e lesões.